

LIVRO DE ATAS / ANAIS DO 25º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, MONTALEGRE abril 2016



GRACIOSA 2015



MAIA 2013



FUNDÃO 2015



FLORIPA, BRASIL 2010

TEMA O MAU-OLHADO NA CULTURA POPULAR, LUCIANO PEREIRA, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL (ESE)

O *mau-olhado* na tradição portuguesa, tal como no mundo islâmico, expressa um desejo de tomada de poder sobre algo ou sobre alguém, por inveja ou má intenção. Diz-se ser a causa da morte de metade da humanidade. Existem, felizmente, meios de o combater e dele se prevenir: rezas e orações, amuletos, tais como os véus, algumas representações geométricas, fumigações odoríferas, ferro vermelho, sal, chifres, meias-luas, figas, ferraduras, as chamadas mãos de Fátima (a filha do profeta),...

As tradições do norte da Europa e, em particular as irlandesas estão repletas de lendas e mitologias em que a cegueira, e os poderes da visão desempenham um papel fundamental na magia, na guerra e no exercício do poder. A mitologia greco-latina atribui a certos seres a capacidade de petrificar os que têm a infelicidade de os fitar, frequentemente, no único olho que possuem.

A cultura tradicional portuguesa apresenta-nos um conjunto de elementos que, das mais variadas formas perpetuaram as mais antigas crenças indo-europeias. Nesta comunicação, daremos um particular destaque à função que os olhos desempenham na literatura tradicional de expressão oral, e, em particular, nos géneros narrativos, tais como nos contos e nas lendas, assim como no cancionero popular. Na medicina e na religiosidade popular, os olhos aparecem sobretudo associados ao mau-olhado, aos quebrantos, às invejas e às cegueiras, doenças sociais que marcam a ferro e a fogo os indivíduos que as alimentam e delas se tornam verdadeiras vítimas tais como tão bem o têm observado poetas (F. Pessoa) e filósofos, tais como José Gil. Perante tamanha desgraça, propõe-se um ritual de bênção coletiva. Preparemos água e azeite: "*Portugal, Portugal, Portugal, dois olhos te puseram olhado, três to tiraram, em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo...*".

1. Os olhos nas crenças, nos mitos, nos contos e nas lendas populares

189

Os olhos são fontes e reflexos da luz e da sedução. Mais intensa que a luz da lua e do sol. Mais sedutores do que a própria sedução. A lenda narra que Santa Luzia, advogada dos olhos, arrancou os olhos *«para os enviar ao que queria seduzir»*.

O nome estará ligado à lenda: Lucia-Lux (José Leite de Vasconcellos, «Miscelânea Etnográfica», Opúsculos, vol. VII, pp. 1318-1319).

*«Eu gosto da luz da lua,
Mais do Sol quando ele é nado;
Mas quem ama, só nuns olhos
Acha luz do seu agrado»*
(Cancioneiro Popular Português I, 312).

Para os pitagóricos *«a luz emitida pelos olhos a eles regressam»*. Em Homero *«a fúria aviva a chama dos olhos»*. Platão atribui a Timeu a ideia de que os olhos irradiam fogo. Plotino afirma que os *«olhos são de natureza solar»*. Goethe refere Pitágoras chamando aos olhos *«portas do sol»*. A tradição portuguesa fala do olho do sol, remetendo para diversas tradições tal como a irlandesa, em que o sol e olho se referem com uma mesma palavra ou com uma palavra sinónima.

*«Os teus olhos são de lume,
O meu coração de cera,
Inda que fosse de pedra
Com eles se derreteria»*
(CPPI, 657).

Empédocles afirmava que *“o interior dos olhos era fogo e água, o exterior, terra e ar, através do qual o fogo transpirava”*. A tradição popular portuguesa refere a *«Maria da Manta, monstro cornífero, com lume nos olhos; evidente evocação duma antiga divindade»* (José Leite de Vasconcellos, «Canções do Berço segundo a tradição popular portuguesa», Opúsculos, vol. VII, p. 912).

«Olhos que mal me querem
Tirados os vira eu,
Metidos num charco de água
Pedindo perdão aos meus»
(CPPI, 515)

Os olharapos são gigantes com um só olho no meio da testa, antropófagos, habitam o imaginário transmontano (Parafita, A. 1999, 69) e galego (Cuba, Xoán R. et alii, 2004, 180), em particular, pode ser referido enquanto olhapim: *Na terra de olhapins, quem tem dois olhos é rei*. A associação com os Ciclopes é evidente e recorda-nos também o olhar petrificante das Górgonas (Hesíodo, 1996, 37,42).

Édipo arrancou os olhos, punindo-se pelo incesto, embora involuntário e pelo assassinato do pai. No Punjab, enterram-se pregos nos olhos de uma mulher que morra depois de dar à luz uma criança para impedi-la de atormentar a família. Jura-se pelos olhos da cara, já desde os Gregos e Romanos. Muitas são as referências ao tirar dos olhos, na nossa tradição e em Contos Populares da tradição universal. *Quando não se trata de qualquer carrasco, muitas vezes são os corvos que se encarregam da mutilação* (Stith Thompson, S165: «Mutilation: putting out eyes»).

2. Os olhos nos provérbios

Nos provérbios populares os olhos apresentam a ambiguidade própria da sua simbologia original e divina, prolongando a sua complexidade mitológica (o que dá a vida, dá a morte, o que cura mata, o que constrói destrói,...) A sua dimensão positiva ecoa em tantos provérbios quanto os que apresentam a sua conotação negativa, destrutiva e maligna. A sua benignidade alarga-se em inúmeros contextos semânticos:

A beleza está nos olhos de quem a vê, nº 46, pág. 21.
Abre um olho para vender e dois para comprar, nº 507, pág. 41.
Aonde a galinha tem os olhos tem os ovos, nº 798, pág. 54.
Bons olhos o vejam, nº 1124, pág. 69.
Cada um vê mal ou bem, conforme os olhos que tem, nº 1255, pág. 75.

Contas na mão e olho no ladrão, nº 1607, pág. 91.
Criarás o corvo, tirar-te-á o olho, nº 1640, pág. 92.
Cuidam os namorados que os outros têm os olhos fechados, nº 1650, pág. 92.
Deitar poeira aos olhos, nº 1949, pág. 106.
É preciso olho vivo, nº 2293, pág. 122.
Estar com um olho no burro e outro no cigano, nº 2560, pág. 134.
Ficar com os olhos em bico, nº 2739, pág. 142.
Figo para ser bom deve ter: pescoço de enforcado, roupa de pobre e olho de viúva, nº 2757, pág. 143.
Lançar poeira aos olhos, nº 3325, pág. 170.
Na face e nos olhos se vê a letra do coração, nº 3912, pág. 198.
O amor é cego e a amizade fecha os olhos, nº 4480, pág. 224.
O olho do dono engorda o cavalo, nº 4736, pág. 235.
Pensam os namorados que os outros são cegados, nº 5314, pág. 261.
Quando o coração tem pena, os olhos dão o sinal, nº 5592, pág. 274.
Quatro olhos vêm mais que dois, nº 5669, pág. 278.
Quem com maus vizinhos vizinhar com o olho há de dormir e com outro vigiar, nº 5787, pág. 283.

A sua dimensão negativa nem sempre é óbvia, muitas vezes relaciona-se com as ilusões, os enganos e a traição, com a cobiça e com a inveja:

Ao medo sobejam olhos, nº 780, pág. 53.
Aquele que tem um olho mau corre atrás das riquezas, mas não sabe que há de vir sobre ele a pobreza, nº 840, pág. 56.
Bons olhos o vejam e os maus quebrados sejam, nº 1125, pág. 69.
Choraram os olhos de teu inimigo e enterrar-te-á vivo, nº 1448, pág. 84.
Comem mais os olhos do que a boca, nº 1537, pág. 88.
Em terra de cegos quem tem um olho é rei, nº 2427, pág. 128.
Enquanto o Diabo esfrega um olho, nº 2467, pág. 129.
Gente baixa só tem olho no dinheiro, nº 2918, pág. 150.
Lágrimas nos olhos risos no coração, nº 3320, pág. 170.
Meter pelos olhos dentro, nº 3719, pág. 188.
O que fala com os olhos fechados quer ver os outros enganados, nº 4800, pág. 238.
O que os olhos não vêm, o coração não deseja, nº 4829, pág. 239.
Olho por olho, dente por dente, nº 4963, pág. 245.
Olho vê, mão pilha, nº 4964, pág. 245.
Olho vê, pé corre, nº 4965, pág. 245.
Olho vivo e pé ligeiro, nº 4966, pág. 245.
Olhos que não vêm, coração que não sente, nº 4969, pág. 245.
Olhos que vêm, coração que deseja, nº 4970, pág. 245.
Os olhos não vêm, o coração não peca, nº 5049, pág. 249.
Os olhos são o espelho da alma, nº 5050, pág. 249.

3. Os olhos no cancioneiro popular

Referiremos nesta parte da investigação alguns dos textos presentes na Etnografia Portuguesa de José Leite de Vasconcelos e em Olhos, Coração e Mãos no Cancioneiro Popular Português de Ana Paula Guimarães.

Os olhos surgem frequentemente associados ao coração, tornando-os assim não só espelho da alma e dos sentimentos mas também instrumento de comunicação:

*«O coração e os olhos
São dois amigos leais
Quando o coração 'stá triste,
Logo os olhos dão sinais.»*
(in Guimarães, A. P., 127)

*«No botar dos olhos vê-se
Quem ama do coração.»*

*«Tua boca não falava,
Teus olhos diziam tudo.»*

*«Eu defronte, vós à vista
Nem falo, nem vós falais,
Dá-me um aceno nos olhos
Já que não pode ser mais.»*
(in Guimarães, A. P., 128)

Os olhos traduzem a fala do coração, a troca dos afetos é representada pela doação dos olhos, *“A latente profundidade do olhar fá-lo ultrapassar em poder sedutor a riqueza e a «formosura», os adereços e enfeites:*

*«Não me namora roupinhas
Nem os brincos das orelhas;
Namora-me esses teus olhos
Devaixo das sobrancelhas.»*

Os olhos e a troca de olhares desencadeiam o amor:

«Eu sem ver não posso amar.»

*«O amor nasce da vista,
Desta passa ao coração.»*

Com os olhos se alimenta o coração:

*«Eu, domingo, fui à missa,
Regalei-me de te ver:
Dei de comer ós meus olhos
Sem ninguém o perceber.»*

*«Os olhos que vivos são
O seu alimento é ver,
Dos olhos nasce a afeição,
Da afeição o benquerer.»*
(in Guimarães, A. P., 129)

Relembrando a sua etimologia: *aíon*, os olhos tornam-se «fontes». O cancioneiro popular revela bem a dicotomia entre o choro e o canto que denuncia a hesitação entre o olvidar do desgosto amoroso e a sua intensificação:

*«Não sei se eu cante, se eu chore,
Que para mim tudo é pena:
Se eu canto, tudo me esquece,
Se eu choro, tudo me alembra.»*

*«Tenho chorado ao dia
Lágrimas mais de noventa:
Quem canta seu mal espanta,
Quem chora seu mal aumenta.»*
(in Guimarães, A. P., 152)

Os olhos, comparados à água e à sua frescura, partilham com ela a capacidade de reflexão e de purificação:

*«Esses teus olhos, menina,
São dois tanques de água fria,
Bacia onde me eu lavo,
Espelho onde me eu via.»*
(in Guimarães, A. P., 156)

Os olhos prolongam os sentimentos e as emoções sentidas pelo coração, fadam, protegem, curam:

«*Ando doente do peito,
Ferido no coração;
Há remédio nos teus olhos
Cheios de consolação.*»

Se a saúde e o bem-estar podem ser desencadeados por um olhar, o mal-estar também, por ele, pode ser induzido:

«*Tendes olhos de matar,
Sobrancelhas de ferir.*»

Provocando o mal de inveja, o mau-olhado provoca a febre, os enjoos, a doença e a dor, mata seres vivos e destrói qualquer objeto. Esgrimir, agredir e defender-se, com os olhos, marcam as duas facetas do poder da visão e do olhar em particular, a construtiva e a destrutiva.

«*Dizem muitos que os teus olhos
Sabem dar vida ou matar.
Dá-me a vida, quero a morte
Bebida no teu olhar!*»

«*Vem à minha cabeceira
Quando eu estiver pra morrer.
Fita os teus olhos nos meus,
Talvez me façam viver.*»
(in Guimarães, A. P., 147-148)

A dor migra do coração para os olhos e, na lágrima, materializa a sua sublime representação:

«*Tenho uma escada em mê pêto
Toda fêta de abrolhos,
Por onde as lágrimas sobem
Do coração para os olhos.*»
(in Guimarães, A. P., 150)

4. Os olhos na medicina, e na religiosidade popular

De norte a sul de Portugal existem rituais e rezas para nos defendermos dos perigos dos olhos e dos olhares.

Em terras de Miranda considera-se que o mau-olhado deriva da inveja dos que não nos querem bem e nos querem ver mal na vida. É uma espécie de maldição, até involuntária rogada a pessoas ou bens:

*Entre quem há de entrar pela porta dentro
Saia quem há de sair pela porta fora
Entre Jesus Cristo pela porta dentro
E saia o diabo pela porta fora*

Depois de rezar coloca sal nos cantos da casa fazendo uma cruz à porta de entrada. (Gorjão, S. 2007, 18).

No Alto Minho, benze-se o mal de inveja da seguinte forma:

“*Tomam-se dois raminhos de arruda, forma-se com eles uma cruz e, fazendo com esta cruces no ar ou sobre o doente*”, diz-se três vezes:

*F. (...), eu te benzo em cruz
Pelas chagas de Jesus,
Pelas passadas que a Virgem deu,
Pela rua da amargura.
Se tens quebranto ou inveja
Ou maus olhos que pra ti olharam
Ou morto ou vivo que por ti passaram.
Isto são as palavras da verdadeira verdade.
Mal, volta pra trás e não pra diante.*

Em Prado, concelho de Melgaço, fala-se de «*más vistages que fazem mal à gente*» e de más olhadas, dadas por gente que tem vista fina, que quebra vidros.

Para talhar ou cortar uma olhada ruim, que causa dor de cabeça, pega-se em areia de sal virgem (que não serviu) e, benzendo o doente, diz-se:

*Dois olhos me feriram,
E quatro me sararão:
Dois sejam de Nossa Senhora
E dois de S. João.
Pela graça de Deus e da Virgem Maria
Um padre-nosso e uma ave-maria.”*
(Vasconcellos, J.L., 1998, 139)

(...)

“Em Santarém, juntam cinco cabeças de fósforos, cinco pontas de alecrim, cinco de alfazema, cinco pedras de sal, cinco pontas de chavelho e deitam tudo no lume ao crescer do dia, dizendo e cruzando a criança sobre o fumo:

*F.(...),
Deus te fez, Deus te criou,
Deus te livre de quem mal te olhou.
Se tens quebranto,
Deus te tire beira, desses olhos
Onde quer que foi prantado,
Ou foi mau-olhado
Ou foi ar excomungado.
Nossa Senhora pelo Egito passou,
Um ramo de alecrim apanhou.
Ela apanhou-o para cheirar
E eu apanhei-o para esse teu mal te tirar.”*

Reza-se isto nove dias, três vezes por dia.

Em Lisboa, pensa-se que deitam mau-olhado mendigos andrajoso de cara repelente e olhar esgazeado e ciganas, por inveja ou ódio. Para se evitar mau-olhado que alguém queira deitar faz-se-lhe uma figa com a mão direita, exclamando:

*Figas, canhoto,
Figas, cão tinhoso!*

Ou uma cruz com os dedos, acrescentando-se:

Cruzes, Diabo!

Fazem outros uma figa com a mão esquerda e dizem:

*Alho porro tem três folhas,
Ó maldito (ou maldita) não me tolhas!*

Podem ter o olhar consigo ou não. Há quem o traga na algibeira, solto, contra o mal.

Para tirar o mau-olhado do corpo que dele sofre recita-se, três vezes, em Alcochete, o ensalmo seguinte:

*Nossa Senhora pelo Egito passou,
Alecrim apanhou,
O seu amado filho defumou
Por virtude,
E eu defumo F. (...) pela sua saúde.
Em louvor de Deus e Nossa Senhora
Que lhe ponha a virtude
Para que ele goze feliz saúde.*

Reza-se a seguir uma salve-rainha.

Em Setúbal procede-se à referida prova do azeite; se este se espalha, a pessoa tem olhar. O ensalmo é este que se diz três vezes em cruz:

*Senhor, terai este cobranto e este olhar;
Está neste corpo baptizado!
Se for na cabeça, S. João Baptista;
Se for nos braços, Senhor S. Marcos;
Se for no corpo, terai-no, Senhor,
Que tem no poder todo.
Em nome de Deus e da Virgem Maria.*

Rezam-se três credos em cruz e três vezes se defuma com alecrim a pessoa ou qualquer fato que vestir.

Também se pode rezar aos animais, mas então substitui-se o segundo verso por *Está neste corpo de bruto.*

Acaba a reza, deitam-se as brasas e as cinzas para o lado do mar.

(Vasconcellos, J.L., 1998,145-148)

(...)

Em S. Geraldo, concelho de Montemor-o-Novo, do mesmo modo se crê que o mau-olhado pode cair sobre coisas, animais e pessoas. O diagnóstico faz-se como em Tolosa, mas com três pingos de azeite de uma candeia acesa, deitados em chávena ou tigela branca com água, dizendo-se:

*Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo,
Vou ver se isto (diz-se o nome) tem quebranto.*

Havendo quebranto, cura-se com esta reza, fazendo a benzedeira cruces com a mão ou com um rosário:

*Deus é Verbo,
Verbo é Deus;
Deus te benza,
Benza-te Deus.
Deus te fez,
Deus te criou,
Deus te tire este mal
De quem t'a ti acobrantou.*

Dito isto três vezes, rezam-se três credos, três padres-nossos, três ave-marias e no fim faz-se este oferecimento: «Ofereço estes três padre-nossos, estas três ave-marias, estes três credos em Deus Padre, com esta oração do Verbo divino às três divinas pessoas da Santíssima Trindade, para que estas benzam F. (...) por dentro e por fora, para que lhe tirem toda a moléstia que ele tem em seu corpo.»

Na Vidigueira, o médico informou que doenças longas, rebeldes à medicina, sem causa bem conhecida, se atribuem a mau-olhado. No concelho de Lagoa, a fórmula é esta:

*F. (...) ou F. (...), dois olhos te olharam mal
E três te hão de olhar bem,
Deus padre, Deus Filho que se está salgando, bolos, Deus Espírito Santo.
Amém.*

Na Mexilhoeira Grande, concelho de Portimão, pensa-se que o quebranto é causado pelo olhar de certas mulheres, principalmente estrábicas ou quando estão com as regras, e por palavras de louvor ou palavras más. Pode ser deitado a crianças, adultos, animais e coisas, como carne que se estão fazendo, searas, etc.

Na Ilha da Terceira, em Agualva, o quebranto benze três dias seguidos, cuja reza se diz três vezes, após as quais se profere o credo em cruz:

*Eu te benzo
Com a cruz de Cristo
O leão venceu alilua.
Verbo carne factó és.
Abrenúncio!
Eu te benzo, fulano,
De má inveja,
De mau olhar,
E ar ruim,
Ou ar de bruxedo,
Ou de feitiçaria.
Eu t'atalho
Com estas santas palavras
P'ra que tu não
Chegues ao cabo. Assim como isto é verdade,
Sant'Ana pariu Maria,
Maria a Jasus Cristo
E Santa Isabel a S. João.
Ambos foram batizados
Lá no rio Jordão.
Perguntou Cristo a João:
Qual da gente está
Mais bem batizado?
Sou eu, Senhor, que
Estou das vossas
Santas mãos.
Assim como isto é verdade,
Eu te quero tirar
Todo o mal ou ramo de invejidade
Para que não te torne a dar,
Em nome da Virgem
E da Santíssima Trindade.
(Martins J. H. B., 1994, 202)*

Com os marinheiros, o mau-olhado cruzou mares e enraizou-se em novas terras e novos climas. Citemos apenas uma das suas versões mais pujantes do Estado de Santa Catarina no sul do Brasil:

*Com dois te botaram,
Com três eu te tiro,
Com o nome de Deus e da Virgem Maria.
Se botaram no teu comer,
No teu beber,
No teu dormir,
Na tua saúde,
Na tua sorte,
Na tua alegria,
No teu emprego,
Na tua felicidade,
No teu trabalho,
Na tua união e na tua paz,
Tudo isso sairá do teu corpo (Repetir o nome da pessoa.).
Se alguém te deseja mal,
Não te quer bem, te odeia,
Quer que tu morras,
Que desapareças ou que te mudes desse lugar,
Nada disto acontecerá, porque Deus está contigo
E mandará estes olhos amaldiçoados e excomungados
Para as profundezas do mar sagrado, onde não cante o galo,
Nem Cristão batizado
(...) Coutinho, Ana Lúcia, 2007, 37)*

No coração da cultura popular e erudita contemporânea, Fernando Pessoa afirma esse antiquíssimo fascínio pelos olhos e pelo olhar:

*"Teus olhos tristes, parados,
Coisa nenhuma afitar...
Ah meu amor, meu amor,
Se eu fora nenhum lugar!"
(Pessoa, F., 1981, 579)*

*"Tens olhos de quem não quer
Procurar quem eu não sei.
Se um dia o maior vier
Olharás como eu olhei."
(Pessoa, F., 1981, 582)*

(...)

*Deu-me olhos para ver
Olho, vejo, acredito.
Como ousarei dizer:
"Cego, fora eu bendito"?*

*Como o olhar, a razão
Deus me deu, para ver
Para além da visão –
Olhar de conhecer.*

*Se ver é enganar-me,
Pensar um descaminho,
Não sei. Deus os quis dar-me
Por verdade e caminho.
(...) (Pessoa, F., 1981, 94)*

Já poetas do Cancioneiro Geral, tal como Garcia de Resende, dão notícia dos medos e das práticas relacionadas com o mau-olhado (séc. XV):

*Seja tam mal assombrado
Que dê olho a quem o vir.
(I, p. 254, edição de Hamburgo.)*

*Senhores, meu coração
É doente de paixam:
Isto nam vem d'olhado,
Mas d'olharem
Meus olhos quem me tem morto.
(I, p. 119, mesma edição.)*

Na *Comédia de Rubena*, de Gil Vicente (edição de Hamburgo, II, 13), uma parteira, que está a fingir que benze o quebranto, fazendo, pois, de benzedeira, diz:

*Estava Santa Ana ao pé do loureiro,
Veio o anjo por mensageiro.
- Vai-te à porta do ouro,
Acharás teu parceiro;
Tira a roca e abraça-o primeiro,
Vai, Joaquim, após o carneiro,
E naquela hora em que Deus verdadeiro
Concebeu Ana em limpo celeiro,
A Santa Maria rezam o salteiro,
Que já o quebranto caiu no ribeiro.*

5. Olhos, quebrantos, invejas e cegueiras, pragas de Portugal

A inveja por desporto é o título de um dos capítulos da obra de António Costa Santos: *10 razões para amar e odiar Portugal*.

O nosso mau-olhado, fruto da inveja, surge no momento em que mais êxito exibimos para o exterior do nosso terrunho e da nossa história para nunca mais nos libertar: “*Uma boa razão para odiar Portugal? A invejazinha, o maldito desporto-rei nacional.*” (Santos, A.C., 69)

“*Abominável é a inveja que os portugueses têm de quem se destaca por qualquer talento especial. Ai de quem lucre (dinheiro, atenção, protagonista, namorados) por ter alguma qualidade que eu não tenha! Onde outros povos e outras culturas colocam a admiração, Portugal espalha a inveja, o desdém, (...)*” (Santos, A.C., 71)

“*A inveja conduz-nos a nivelar por baixo, a não estimular o melhor. Em Portugal, preferimos fazer o elogio da mediocridade.*” (Santos, A.C.,73)

A inveja conduz ao elogio da mediocridade. Podemos gabar o medíocre, sem o invejar. E, elogiado, convidado para as festas e fotografado para as revistas, o medíocre pode tornar-se exemplo a seguir. Os melhores, aqueles que invejamos, em vez de admirar, evitam ir a festas e revistas, tremem só de pensar que os seus sucessos sejam tomados públicos. Não estão para levar na cabeça, o que é humano, mas não servem de modelos, o que é pena. (Santos, A.C.,74)

José Gil procedeu a uma das mais esclarecidas análises sobre o funcionamento, as causas e fatídicas consequências do mau-olhado na nossa cultura e na nossa alma coletiva mais profunda em *O Medo de existir* no capítulo intitulado: *Queixumes, ressentimento, Invejas*:

“*Um dos exemplos cuja ação difusa e insinuante pode comprometer o trabalho de um grupo ou mesmo a marcha geral de zonas inteiras do trabalho social é a inveja.*

Não sendo característica especialmente portuguesa, mas encontrando-se em todo o tipo de sociedade, tem em Portugal um terreno de eleição. Por várias razões: porque o nosso país continua a ser, em muitos domínios, uma sociedade fechada; porque, enquanto tal, o elemento pessoal e humano ainda pesa mais do que a estrutura impessoal, sendo assim, os efeitos da inveja só

indiretamente, através das pessoas, atingem a instituição e, portanto, raramente se descobre a relação entre a causa e a consequência; porque uma sociedade em que tudo se faz para encobrir os conflitos, não combatendo frontalmente o adversário, convém particularmente bem ao trabalho da inveja; porque um dos laços mais fortes da sociedade política (que substitui, em parte, o laço de cidadania, muito fraco) é o queixume – cuja relação com a inveja é das mais estreitas; enfim, uma última razão parece decisiva para dar às invejas um lugar privilegiado na sociedade portuguesa atual: o fato de esta sair de um regime de desvalorização, humilhação e mutilação das forças de vida do indivíduo.

(Gil, J., 91)

(...)

É neste contexto de forças que se deve situar a inveja. Forças poderosas de ressentimento resultantes do esmagamento das forças de vida e da sua transformação em forças de morte. Com uma semirreviravolta: não se voltaram inteiramente contra si mesmo, encolheram, comprimiram-se, adaptaram-se à escala da humilhação – e puseram-se a circular enclausuradas, sob as formas várias do ressentimento da abjeção, da inveja.

(Gil, J., 92)

(...)

Mais precisamente, a generalidade da ação da inveja em Portugal é tão vasta que, tal como o medo, constitui um sistema. Não se trata, pois, de uma relação a dois (que pode também ocorrer e ser decisiva), mas de uma relação coletiva implicando, de cada vez, um número variável de indivíduos ou de grupos. Os efeitos do sistema das invejas não é invisível: ora paralisante, ora desacelerador de uma dinâmica, ora descarrilador, provocando acidentes em catadupa, adiantamentos sucessivos, etc.

Como é que a inveja pode ganhar uma força tão grande que chega a entrar no trabalho de um grupo?

Note-se, antes de mais, que a inveja, uma luta pelo poder de que sairá um dominante e um dominado. Por isso a inveja entra na categoria das «relações de influência».

Com efeito, não basta considerar, enquanto sentimento, tende imediatamente a agir sobre o invejado. Não é por acaso que «as invejas» pertencem ao vocabulário da bruxaria. Como sistema de práticas e representações que visam dar inteligibilidade a certos fenómenos de influência, a feitizaria percebeu e interpretou relações subtilíssimas de que a ação da inveja faz parte (em particular o mau-olhado)».

(Gil, J., 94)

(...)

Ora, essa constitui a condição geral dos portugueses. Num tal terreno, é compreensível que a inveja prolifere: a fragilidade dos corpos, a debilidade dos espíritos apelam naturalmente para a ação das invejas.

Digamos que um sujeito assim formado (melhor: «sempre por formar») compõe um sistema instável, ou metastável (cuja instabilidade produz movimento incessante definindo uma estabilidade permanente): a mais pequena impressão, o mais ínfimo estímulo provocam grandes mutações na organização geral do sistema. Um olhar de inveja, uma entoação de voz imperceptível, uma palavra anódina, uma pequena percepção qualquer que emane da inveja atravessa as finas defesas da vítima e vem imprimir-se no inconsciente do invejado. Às vezes basta que alguém manifeste em público satisfação, contentamento de si, uma ponta de orgulho (logo qualificada de arrogância) por qualquer coisa que tenha feito, para se tornar um alvo imediato de invejas. Mais: como o sabem bem os etnólogos que estudaram as invejas, estas podem desencadear-se independentemente da vontade e da consciência do invejoso. Eu posso «lançar» invejas sem que eu próprio dê por isso.

Assim começa o processo de captura. Inveja-se uma pessoa porque ela ostenta algo (um dom, um bem, riqueza, beleza, coragem, inteligência, etc.) que falta ao sujeito e que este quereria possuir. «Lança-se» a inveja, e a ação da força que o olhar ou a palavra transporta imprime-se no espírito da vítima. Capta-o, submete-o. O invejado passou do estado livre ao de aprisionado: está doravante «sob influência».

(Gil, J., 95, 96)

(...)

O que a inveja (ou o «mau-olhado», na expressão do discurso da feitiçaria) pretende é fazer vir à tona o efeito da sua ação clandestina: mostrar a todos a desgraça, o infortúnio que atingiu a vítima, obrigar a que esta apareça marcada pela má sorte e, de certo modo, excluída do curso do tempo social normal.

(Gil, J., 100)"

Bibliografia

- Coelho, Adolfo (1985) *Contos Populares Portugueses*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Coelho, Jacinto do Prado (1976) *Dicionário de literatura*. Porto: Figueirinhas.

- Coutinho, Ana Lúcia (2007) *As benzeduras de Maria Olímpia dos Reis*. Brasil: Biguacu.
- Cuba, Xoán R., Reigosa Antonio, Miranda Xosé (2004) *Dicionário dos seres Míticos Galegos*. Madrid: Edicións Xerais de Galicia.
- Chevalier Jean, Gheerbrant, Alain (1982) *Dicionário dos Símbolos*. Editorial Teorema.
- Gil, José (2005) *Portugal, hoje. O Medo de Existir*. Lisboa: Relógio d'água.
- Gorjão, Sérgio (Coord.ed.) (2007) *Rezas e Mezinhas na Terra de Miranda*. Miranda: Instituto dos Museus e da Conservação.
- Guimarães Ana Paula (1992) *Olhos, coração e mãos no Cancioneiro Popular Português*. Círculo de Leitores.
- Hésiode (1996) *Théogonie les travaux et les jours le Bouclier*. Paris: Les belles lettres.
- Homère (1965) *L'Odyssee*. Paris: Garnier-Flammarion.
- Jung, Carl G (1964) *O Homem e seus Símbolos*. Editora Nova Fronteira.
- Lamas Maria (2000) *Mitologia Geral*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Martins, J. H. Borges (1994) *Crenças Populares da Ilha Terceira I. (O Lobisomem, As feitiçarias, As Bruxas, Benzedoras)*. Lisboa: Edições Salamandra.
- Ovide (1966) *Les métamorphoses*. Paris: Garnier-Flammarion.
- Parafita, Alexandre (1999) *A Comunicação e a Literatura Popular*. Lisboa: Plátano Ed.
- Pedroso, Consiglieri (1985) *Contos Populares Portugueses*. Lisboa: Vega.
- Pessoa, Fernando (1981) *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar.

LIVRO DE ATAS / ANAIS DO 25º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, MONTALEGRE abril 2016

- Santos, António Costa (2009) *10 Razões para amar e odiar Portugal*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Santos, Maria Alice Moreira dos (2000) *Dicionário de Provérbios, Adágios, ditados, Máximas, Aforismos e frases feitas*. Porto Editora.
- Vasconcelos, José Leite (1938) «*Miscelânea Etnográfica*» Revista Lusitana, Opúsculos, vol. VII. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Vasconcelos, José Leite (1975) *Cancioneiro Popular Português*, vol. I. Coimbra: Universidade.
- Vasconcelos, José Leite (1988) *Etnografia Portuguesa*, vol. X. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.



GRACIOSA 2015

SÓCIO FUNDADOR DA AICL

MEMBRO DO CONSELHO FISCAL

TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS DESDE O PRIMEIRO EM 2002

INTERVÉM NA SESSÃO DE POESIA

MODERA SESSÕES

44. LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO - UNIVERSIDADE DE COIMBRA, AICL, PORTUGAL



LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO

É Doutorando em Pós-colonialismos e Cidadania Global com a Tese "Pelo Sul se faz caminho: transculturalidades na obra de Manuel Rui", do (CES - FEUC) - Centro de Estudos Sociais e da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.